

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Efeito borboleta

O ano já está de barbas longas e bengala, como mostravam as velhas ilustrações. E como sempre há o que comemorar e o que se lamentar, até porque a temporada termina tensa, prometendo desdobramentos para o ano que nasce.

Temos uma guerra que não termina na Ucrânia, a ameaça da anexação de Taiwan pela China, a volta dos casos de covid, o supermíssil do líder supremo da Coreia do Norte e o anúncio que o Irã está pronto para fazer sua bomba atômica. É um estado de tensão sem frescor, ideal para aqueles profetas do apocalipse pendurarem um cartaz no peito: “O fim está próximo”.

Entre nós, aqui nesse cantinho do globo, temos ameaças que forçam abusos e uma manifestação sem manifesto. Amizades antigas foram desfeitas, parentescos renegados, muita desconfiança e uma volta — sem nostalgia — da guerra fria, desta vez interna e cada vez mais quente.

Já podemos prever uma queda brutal na venda de cartões de fim de ano, daqueles com dizeres inspiradores sobre amizade, companheirismo, amor,

ou frases engraçadinhas. E poucas famílias estarão dispostas a dividir o peru — um frango vai dar e sobrar — ou a leitoa.

O mais grave é a extinção das utopias. Justiça, solidariedade, harmonia, compaixão, empatia, vestiram cores ideológicas, como se não fossem qualidades perseguidas desde que o homem deixou de morar em cavernas. Hoje tem uma turma torcendo para viver na caserna.

É um fim de ano diferente. Quem ostenta uma bandeira branca corre o risco de ser chamado de “isentão”, quem abre os braços para oferecer um abraço pode ser confundido com banana e quem não acha graça nas provocações dos dois lados é tido como inimigo.

Dia desses uma amiga reclamava das ofensas que vem recebendo de sectários dos dois lados porque é crítica em relação a todos. Há uma intolerância perversa no ar, não se

pode nem tentar fazer humor ou ironia sob o risco de ser declarado antagonista, como se estivéssemos todos participando de um duelo permanente.

A paz mundial foi sempre um pedido de miss — acompanhado do livro favorito de todas elas, *O Pequeno Príncipe* — mas neste fim de ano ela não tem resistido nem aos sonhos; o comportamento mal-educado das redes sociais parece ter invadido de vez o mundo real,

com pessoas orgulhosas de expor sua ignorância e brutalidade, entre outras indecorosidades.

As intrigas estrangeiras acontecem há milhares de quilômetros de nós, mas a partir daquela teoria do efeito da asa de borboleta, envenena os ânimos. A sorte é que os radicais estão indo cada vez mais para as beiradas, deixando aberto um amplo espaço para entendimento. Vão acabar falando sozinhos.

É uma alternativa para a

boca fechada. Como disse Schopenhauer, “da árvore do silêncio pende seu fruto, a paz”. Ou não.

No boteco a concórdia chegou, depois de muita negociação e os contrários conseguiram se abraçar depois de uma intensa troca de farpas e até xingamentos. Em alguns casos era uma situação limite. O efeito borboleta também funciona ao contrário: quem sabe a pacificação do bar não influencia os poderosos.

Um feliz ano novo. E paz.



G O M E Z